

Ex-ministros dão sua receita a Mailson

É preciso anular pressões dentro do governo e ter o apoio do presidente, dizem

JORGE ZAPPIA

Competência técnica ou habilidade política? De todos os economistas que antecederam a Mailson da Nóbrega no cargo de ministro da Fazenda, o carioca Mário Henrique Simonsen é o que melhor definiu o que é necessário fazer para se manter num cargo como esse. Há nove anos fora do governo, Simonsen já ensinava, em abril, que um ministro da Fazenda ocupa 10% de seu tempo com trabalho técnico e os restantes 90% gasta no esforço de impedir que outros destruam esse trabalho. É preciso, portanto, muita paciência para engolir sapos como os que vêm sendo empurrados goela abaixo de Mailson da Nóbrega por outros ministros e pela burocracia estatal, indisciplinados e avessos a seguir dietas orçamentárias.

Mais do que paciência, opinam os também ex-ministros Delfim Netto, Ernane Galvêas e Luiz Carlos Bresser Pereira, é fundamental para o sucesso de qualquer plano e a permanência dos titulares nos ministérios econômicos a determinação do presidente da República em seguir fielmente as recomendações de seus auxiliares. "O apoio e a sustentação de qualquer programa técnico dependem do presidente, muito mais dele que de seu ministro", afirma Galvêas. "Num regime presidencialista quase imperial, como é o nosso, o presidente da República tem que assumir o comando e convocar a Nação para um programa de estabilização sério", completa Delfim Netto.

SEM AUTORIDADE

Ao contrário de Delfim, que admite não lhe ter faltado a autoridade presidencial quando ocupou os ministérios do Planejamento e da Fazenda, Bresser Pereira não esconde a mágoa com a omissão de Sarney nos momentos cruciais de sua curta gestão no Ministério da Fazenda. "Tive os problemas que qualquer outro ministro da Fazenda sempre tem: outros ministros querendo gastar e a gente segurando. Mas também tive dificuldades com a falta de autoridade do presidente. Isso realmente foi prejudicial." Para Bresser, Mailson da Nóbrega, seu antigo subordinado no ministério, representa ainda o princípio básico de racionalidade dentro do governo e, por isso, lhe é solidário no recente confronto com o ministro das Comunicações, Antônio Carlos Magalhães.

"Que presidente é esse, afinal, que não consegue manter sua autoridade?", pergunta Bresser ao comentar que não sabe o que Sarney poderia fazer sem Mailson. O exercício do ministério, na opinião de Delfim Netto, mesmo tendo o respaldo e suporte do presidente, é sempre efetivado em estado de crise. "É perfeitamente normal, em qualquer governo, a ocorrência de choques que, muitas vezes, nem sequer vêm a público." Por esse motivo, recomenda ele, Mailson não tem que fazer nada. "Apenas merecer a confiança do presidente."

"Se os grupos de pressão sentirem que o presidente apóia o ministro da Fazenda, a pressão diminui", concorda Francisco Dornelles, primeiro ministro da Fazenda na Nova República. Mas se não existe apoio do presidente quando o ministro tenta cortar gastos e fazer uma política monetária restritiva, a tendência é a pressão aumentar. Nesse caso, diz ele, a única saída é pedir demissão para não se comprometer perante a opinião pública e por uma questão de amor próprio, "e também por que sem apoio político não há como levar a política econômica adiante".

